

20 cópias

C. WRIGHT MILLS

SOBRE O ARTESANATO INTELECTUAL E OUTROS ENSAIOS

Seleção e introdução
CELSONO CASTRO

Tradução:
MARIA LUIZA X. DE A. BORGES

Revisão técnica:
CELSONO CASTRO



Sobre o artesanato intelectual

Para o cientista social individual que se sente parte da tradição clássica, a ciência social é a prática de um ofício. Homem dedicado a questões importantes, ele está entre aqueles que ficam rapidamente impacientes e entediados com discussões complicadas sobre método e teoria em geral; muito disso interrompe seus verdadeiros estudos. É melhor, ele acredita, que um estudioso ativo relate como está se saindo em seu trabalho do que ter uma dúzia de “codificações de procedimento” estabelecidas por especialistas que, o mais das vezes, nunca fizeram muitos trabalhos importantes. Somente através de conversas em que pensadores experientes trocam informações sobre suas maneiras efetivas de trabalhar é possível comunicar uma noção útil de método e teoria ao estudioso iniciante. Parece-me válido, portanto, relatar com algum detalhe como procedo em meu ofício. Este é necessariamente um relato pessoal, mas escrito na esperança de que outros, em especial aqueles que estão iniciando um trabalho independente, o tornem menos pessoal através dos fatos de sua própria experiência.

É melhor começar, acredito, lembrando a você, o estudioso iniciante, que os mais admiráveis pensadores da comunidade acadêmica em que decidiu ingressar não separaram seu trabalho de suas vidas. Parecem levá-los ambos a sério demais para admitir tal dissociação, e querem usar uma coisa para o enriquecimento da outra. Essa se-

paração, é claro, é a convenção predominante entre os homens em geral, originando-se, suponho, do vazio do trabalho que os homens em geral fazem hoje. Mas você reconhecerá que, como intelectual, tem a oportunidade excepcional de planejar um modo de vida que encorajará os hábitos da boa produção. O conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício; para realizar suas próprias potencialidades, e quaisquer oportunidades que surjam em seu caminho, ele constrói um caráter que tem como núcleo as qualidades do bom trabalhador.

Isto significa que deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente. Neste sentido, o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar. Dizer que você pode "ter experiência" significa, por exemplo, que seu passado influencia e afeta seu presente, e que ele define sua capacidade de experiência futura. Como cientista social, é preciso controlar esta ação recíproca bastante complexa, apreender o que experiência e classificá-lo; somente dessa maneira pode esperar usá-lo para guiar e testar sua reflexão e, nesse processo, moldar a si mesmo como um artesão intelectual. Mas como fazer isso? Uma resposta é que você deve organizar um arquivo, o que é, suponho, a maneira de um sociólogo dizer: mantenha um diário. Muitos escritores criativos mantêm diários; a necessidade de reflexão sistemática em que o sociólogo se vê exige isso.

Num arquivo como o que vou descrever, há uma combinação de experiência pessoal e atividades profissionais, estudos em curso e estudos planejados. Nesse arquivo, você, como um artesão, tentará reunir o que está fazendo intelectualmente e o que está experimentando como pessoa. Aqui, não terá receio de usar sua experiência e relacioná-la diretamente a vários trabalhos em andamento. Servindo como um controle ao trabalho repetitivo, seu arquivo lhe

permite conservar sua energia. Estimula-o também a apreender "pensamentos marginais": várias idéias que podem ser subprodutos da vida cotidiana, fragmentos de conversas entreouvadas na rua, ou mesmo sonhos. Uma vez anotadas, essas coisas podem levar a pensamentos mais sistemáticos, bem como emprestar relevância intelectual a experiências mais diretas.

Você deve ter notado muitas vezes com que cuidado pensadores bem-sucedidos tratam suas próprias mentes, com que atenção observam seu próprio desenvolvimento e organizam sua experiência. A razão por que valorizam suas menores experiências é que, no curso de uma vida, o homem moderno tem tão pouca experiência pessoal, e não obstante a experiência é tão importante como fonte de trabalho intelectual original. Ser capaz de confiar na própria experiência, sendo ao mesmo tempo cético em relação a ela é, acredito, uma marca do trabalhador maduro. Essa confiança ambígua é indispensável para a originalidade em qualquer busca intelectual, e o arquivo é uma maneira pela qual você pode desenvolver e justificar essa confiança.

Mantendo um arquivo adequado e desenvolvendo assim hábitos auto-reflexivos, você aprende como manter seu mundo interior desperto. Sempre que tiver sentimentos fortes sobre eventos ou idéias, deve tentar impedir que se dissipem de sua mente, tratando ao contrário de formulá-los em seus arquivos e, ao fazê-lo, extrair suas implicações, mostrar para si mesmo como esses sentimentos ou idéias são tolos, ou como poderiam ser articulados de maneira produtiva. O arquivo o ajuda também a formar o hábito de escrever. Você não poderá adquirir esse hábito se não escrever alguma coisa pelo menos uma vez por semana. Ao desenvolver o arquivo, pode fazer experiências como escritor e assim, como se diz, desenvolver sua capacidade de expressão. Manter um arquivo é empenhar-se na experiência controlada.

Uma das piores coisas que acontecem com cientistas sociais é que só sentem necessidade de escrever sobre seus "planos" numa única

ocasião: quando vão pedir dinheiro para uma pesquisa específica, ou “um projeto”. É na forma de um pedido de recursos que se faz a maior parte do “planejamento”, ou pelo menos se escreve cuidadosamente sobre ele. Embora esta seja a prática usual, penso que é muito ruim: está fadada em algum grau a ser publicidade de vendedor e, dadas as expectativas prevalentes, resultará muito provavelmente em pretensões meticolosas; é provável que o projeto seja “apresentado” de uma maneira arbitrariamente “arredondada” muito antes do que deveria; é muitas vezes algo maquinado, destinado a obter o dinheiro para propósitos velados, por valiosos que sejam, bem como para a pesquisa apresentada. Um cientista social praticante deveria rever periodicamente “o estado de meus problemas e planos”. Um jovem, desde o início de seu trabalho independente, deve refletir sobre isso, mas não se pode esperar – e ele próprio não deveria fazê-lo – que vá muito longe com nenhum plano único, e decerto não deveria ficar rigidamente comprometido com ele. Quase tudo o que pode fazer é organizar sua tese, que infelizmente é muitas vezes seu primeiro trabalho de alguma extensão supostamente independente. É quando você está mais ou menos na metade do tempo de que dispõe para o trabalho, ou já fez cerca de um terço, que esse tipo de revisão tem maior probabilidade de ser frutífero – e talvez até de interesse para outros.

Qualquer cientista social ativo que já avançou bastante em seu caminho deve ter tantos planos, isto é, idéias, que a questão é sempre: com qual deles vou, ou devo, trabalhar em seguida? E deveria manter um pequeno arquivo especial para sua agenda principal, que escreve e reescreve apenas para si mesmo e talvez para discutir com amigos. De tempos em tempos, deve rever isso de maneira muito cuidadosa e determinada, e por vezes, também, quando está relaxado.

Esse tipo de procedimento é um dos meios indispensáveis pelo qual seu entendimento intelectual é mantido orientado e sob controle. Um intercâmbio corrente, informal, dessas revisões

do “estado de meus problemas” entre cientistas sociais ativos é, eu sugiro, a única base para uma descrição adequada dos “principais problemas da ciência social”. É improvável que em qualquer comunidade intelectual livre haja, e certamente não deveria haver, nenhuma disposição “monolítica” de problemas. Numa comunidade assim, caso ela estivesse florescendo de maneira vigorosa, haveria interlúdios de discussão entre indivíduos sobre o trabalho futuro. Três tipos de interlúdios – sobre problemas, métodos, teorias – deveriam resultar do trabalho de cientistas sociais, e conduzir a ele novamente; deveriam ser moldados por trabalho em andamento e, em alguma medida, guiar esse trabalho. É para interlúdios como esses que uma associação profissional encontra sua razão intelectual de ser. E é para eles também que seu próprio arquivo é necessário.

Sob vários tópicos em seu arquivo há idéias, anotações pessoais, excertos de livros, itens bibliográficos e esboços de projetos. Isto é, suponho, uma questão de hábito arbitrário, mas penso que você julgará conveniente classificar todos esses itens num arquivo principal de “projetos”, com muitas subdivisões. Os tópicos mudam, é claro, por vezes com grande frequência. Por exemplo, como um estudante que se prepara para o exame de qualificação escreve uma tese e, ao mesmo tempo, faz alguns trabalhos de fim de curso, seus arquivos serão arranjados nessas três áreas de esforço. Mas, após um ou dois anos de pós-graduação, você começará a reorganizar todo o arquivo em relação ao projeto principal de sua tese. Depois, à medida que desenvolver seu trabalho, notará que nenhum projeto único jamais o domina, ou estabelece as categorias principais em que ele é arranjado. De fato, o uso do arquivo estimula a expansão das categorias que você usa em seu raciocínio. E o modo como essas categorias mudam, algumas sendo abandonadas e outras sendo acrescentadas, é um indicador de seu progresso e amplitude intelectual. Finalmente, os arquivos passarão a ser arranjados segundo vários grandes projetos, tendo muitos subprojetos que mudam de ano para ano.

Tudo isto envolve a tomada de notas. Você terá de adquirir o hábito de tomar um grande volume de notas de qualquer livro de valor que leia — embora, devo dizer, talvez seja inspirado a um trabalho melhor quando lê livros realmente ruins. O primeiro passo na tradução de experiências, seja da escrita de outra pessoa ou de sua própria vida, para a esfera intelectual é dar-lhe forma. A mera nomeação de um item de experiência muitas vezes o convida a explicá-lo; a mera anotação feita a partir de um livro é muitas vezes um estímulo à reflexão. Ao mesmo tempo, é claro, fazer uma anotação é de grande ajuda para sua compreensão do que está lendo.

Suas anotações podem vir a ser, como as minhas, de dois tipos: ao ler certos livros muito importantes, você tenta apreender a estrutura da argumentação do autor, e toma notas de acordo com isso; com maior frequência, porém, e depois de alguns anos de trabalho independente, em vez de ler livros inteiros, você lê muitas vezes partes de muitos livros do ponto de vista de algum tema ou tópico particular em que está interessado e com relação ao qual tem planos em seu arquivo. Portanto, tomará notas que não representam propriamente os livros que lê. Estará usando tal idéia particular, tal fato particular, para a realização de seus próprios projetos.

2 Como esse arquivo — que até agora você deve achar mais parecido com uma curiosa espécie de diário “literário” — é usado na produção intelectual? A manutenção de um arquivo assim é produção intelectual. É um repertório sempre crescente de fatos e idéias, desde os mais vagos aos mais acabados. Por exemplo, a primeira coisa que fiz após decidir iniciar um estudo sobre a elite foi elaborar um esquema tosco baseado numa lista de tipos de pessoas que eu queria compreender.

Exatamente como e por que eu decidi fazer esse estudo pode sugerir uma maneira pela qual nossas experiências de vida alimentam nosso trabalho intelectual. Não me lembro quando passei a me interessar tecnicamente por “estratificação”, mas creio que deve

ter sido ao ler Veblen pela primeira vez. Ele sempre me pareceu muito impreciso, até vago, acerca de sua utilização dos termos “comercial” e “industrial”, que são uma espécie de tradução de Marx para o público acadêmico americano. De todo modo, escrevi um livro sobre organizações trabalhistas e líderes trabalhistas — um empreendimento politicamente motivado; depois um livro sobre as classes médias —, um empreendimento motivado principalmente pelo desejo de expressar minha própria experiência na cidade de Nova York desde 1945. Logo a seguir, amigos sugeriram que eu completasse uma trilogia escrevendo um livro sobre as classes superiores. Creio que a possibilidade estivera em minha mente; eu havia lido Balzac de maneira esporádica, especialmente durante os anos 1940, e ficara muito seduzido pela tarefa que ele se atribua de “cobrir” todas as classes e tipos principais da sociedade de sua época. Eu também havia escrito um artigo sobre “A elite comercial” e colhido e organizado estatísticas sobre as carreiras dos homens mais eminentes na política norte-americana desde a Constituição. Estas duas tarefas foram inspiradas principalmente por um seminário sobre história americana.

Ao redigir esses vários artigos e livros e preparar cursos sobre estratificação, houve, é claro, um resíduo de idéias e fatos a respeito das classes superiores. Especialmente no estudo da estratificação social, é difícil evitar ir além do nosso assunto imediato, porque “a realidade” de qualquer um dos estratos consiste em grande parte em suas relações com os outros. Assim, comeci a pensar em um livro sobre a elite.

No entanto, não foi “realmente” assim que “o projeto” surgiu; o que realmente aconteceu foi (1) que a idéia e o plano saíram de meus arquivos, pois comigo todos os projetos começam e terminam com eles, e livros são simplesmente resultados organizados a partir do trabalho contínuo que os integra; (2) que após algum tempo, todo o conjunto de problemas envolvidos passou a me dominar.

Após fazer meu esquema tosco, examinei todo o meu arquivo, não apenas aquelas partes que obviamente tinham relação com

meu tópico, mas também as que pareciam não ter absolutamente nenhuma relevância. Muitas vezes conseguimos estimular a imaginação reunindo itens antes isolados, encontrando conexões insuspeitadas. Fiz novas unidades no arquivo para esse âmbito particular de problemas, o que, é claro, levou a novos arranjos de outras partes do arquivo.

Ao rearranjar um sistema de arquivamento, você muitas vezes descobre que está, por assim dizer, alargando sua imaginação. Aparentemente isso ocorre por meio de sua tentativa de combinar várias idéias e notas sobre diferentes tópicos. É uma espécie de lógica de combinação, e o “acaso” por vezes desempenha um papel curiosamente grande nela. De uma maneira relaxada, você tenta enredar seus recursos intelectuais, como exemplificados no arquivo, com os novos temas.

No presente caso, comecei também a usar minhas observações e experiências diárias. Pensei primeiro em minhas experiências anteriores relacionadas a problemas da elite, depois fui conversar com aqueles que, a meu ver, podiam ter experimentado ou considerado tais questões. De fato, comecei nessa altura a alterar o caráter de minha rotina de maneira a incluir nela (1) pessoas que *estavam* entre aqueles que eu queria estudar, (2) pessoas em estreito contato com eles e (3) pessoas usualmente interessadas neles de alguma maneira profissional.

Não sei quais são as plenas condições sociais para a melhor produção intelectual, mas certamente cercar-se de um círculo de pessoas dispostas a ouvir e falar – e por vezes elas terão de ser pessoas imaginárias – é uma delas. De qualquer modo, tento me cercar de todo o ambiente pertinente – social e intelectual – que supponho ser capaz de me levar a pensar bem ao longo das linhas de meu trabalho. Esse é um sentido das observações que fiz acima sobre a fusão de vida pessoal e intelectual.

Um bom trabalho em ciência social hoje não é, e usualmente não pode ser, composto de uma “pesquisa” empírica bem delimitada. Ele se compõe antes de um grande número de estudos que, em

pontos-chave, ancoram afirmações sobre a forma e a direção do assunto. Assim a decisão – quais são esses pontos de ancoragem? – não pode ser tomada até que os materiais existentes sejam retrabalhados e formulações hipotéticas gerais construídas.

Ora, entre os “materiais existentes” encontro nos arquivos três tipos relevantes para meu estudo da elite: várias teorias que têm a ver com o tópico; materiais já trabalhados por outros como evidências para *aquelas* teorias; e materiais já reunidos e em diversos estágios de centralização acessível, mas ainda não tornados teoricamente pertinentes. Somente após concluir um primeiro rascunho de uma teoria com a ajuda de materiais existentes como esses é que posso situar eficientemente minhas próprias afirmações e palpites principais e projetar pesquisas para testá-los – e talvez não tenha de fazê-lo, embora saiba, é claro, que terei mais tarde de me mover oscilando entre materiais existentes e minha própria pesquisa. Qualquer formulação final deve não somente “cobrir os dados” até onde eles estão disponíveis e são do meu conhecimento, como também, de alguma maneira, positiva ou negativamente, levar em conta as teorias disponíveis. Por vezes é fácil “levar em conta” uma idéia mediante sua simples confrontação com um fato que a subverte ou apóia; por vezes uma análise ou delimitação detalhada é necessária. Por vezes posso sistematicamente organizar as teorias disponíveis, como uma série de escolhas, e assim permitir a seu âmbito organizar o próprio problema.¹ Por vezes, porém, só permito que tais teorias venham à baila em meu próprio arranjo, em contextos muito diferentes. De todo modo, no livro sobre a elite tive de levar em conta o trabalho de homens como Mosca, Schumpeter, Veblen, Marx, Lasswell, Michels, Weber e Pareto.

¹Ver, por exemplo, C.W. Mills, *White Collar*, Nova York, Oxford University Press, 1951, Capítulo 13. Fiz o mesmo tipo de coisa, em minhas notas, com Lederer e Gasset vs. “teóricos da elite” como duas reações à doutrina democrática dos séculos XVIII e XIX.

Examinando algumas das notas sobre esses autores, constato que elas oferecem três tipos de formulações: (a) a partir de algumas, aprendemos diretamente, repetindo sistematicamente o que o autor diz sobre certos pontos ou sobre um todo; (b) há algumas que aceitamos ou refutamos, dando razões e argumentos; (c) há outras que usamos como uma fonte de sugestões para nossas próprias elaborações e projetos. Isso envolve apreender um ponto e em seguida perguntar: como posso pôr isso numa forma passível de teste e como posso testá-lo? Como posso usar isso como um centro a partir do qual me estender — como uma perspectiva da qual detalhes descritivos emergem como pertinentes? É nessa manipulação de idéias existentes, é claro, que nos sentimos em continuidade com trabalhos anteriores. Aqui estão dois excertos de notas preliminares sobre Mosca, que podem ilustrar o que tentei descrever:

Além de suas anedotas históricas, Mosca apóia sua tese com esta asserção: é o poder de organização que permite à minoria sempre prevalecer. Há minorias organizadas e elas governam coisas e homens. Há maiorias desorganizadas e elas são governadas.² Mas: por que não considerar também (1) a minoria organizada, (2) a maioria organizada; (3) a minoria desorganizada, (4) a maioria desorganizada? Isto merece exploração completa. A primeira coisa que deve ser elucidada: qual é exatamente o sentido de “organizada”? Penso que Mosca quer dizer: capaz de políticas e ações mais ou menos contínuas e coordenadas. Nesse caso, sua tese está correta por definição. Ele diria também, acredito, que uma “maioria organizada” é impossível porque isso significaria apenas que novos líderes, novas elites, estariam no comando dessas organizações majoritárias, e ele imediatamente recolheria esses líderes em sua “Classe Dominante”. Ele as chama de “minorias dirigentes”, e tudo isso é material bastante superficial comparado à sua grande formulação.

² Há também afirmações em Mosca sobre leis psicológicas que supostamente apóiam seu ponto de vista. Observe seu uso da palavra “natural”. Mas isto não é central e, ademais, não merece ser considerado.

Algo que me ocorre (penso que é o cerne dos problemas de definição que Mosca nos apresenta) é isto: entre o século XIX e o século XX, testemunhamos uma mudança de uma sociedade organizada como 1 e 4 para uma sociedade estabelecida *mais* em termos de 3 e 2. Passamos de um Estado de elite para um Estado de organização, em que a elite não é mais tão organizada nem tão unilateralmente poderosa, e a massa é mais organizada e mais poderosa. Algum poder foi criado nas ruas, e em torno dele giraram todas as estruturas sociais e suas “élites”. E que seção da classe dominante é mais organizada que o bloco ruralista? Esta não é uma pergunta retórica: posso respondê-la de uma e de outra maneira neste momento; é uma questão de grau. Tudo o que desejo agora é colocar a questão.

Mosca defende uma idéia que me parece excelente e merecedora de desenvolvimento: segundo ele, há freqüentemente na “classe dominante” uma clique mais elevada e há esse segundo estrato, mais amplo, com o qual (a) o topo está em contato contínuo e imediato, e com o qual (b) partilha idéias e sentimentos, e portanto, acredita ele, planos de ação (p.430). Verificar se em alguma outra parte do livro ele estabelece outros pontos de conexão. É a clique recrutada em grande parte a partir do segundo nível? É o topo, de alguma maneira, responsável por esse segundo estrato, ou pelo menos sensível a ele?

Agora esqueçamos Mosca: em outro vocabulário, temos, (a) a elite, a que nos referimos aqui como essa clique mais elevada, (b) os que contam e (c) todos os outros. O pertencimento ao segundo e ao terceiro grupo, neste esquema, é definido pelo primeiro, e o segundo pode ser bastante variado em seu tamanho, composição e relações com o primeiro e o terceiro. (Qual é, aliás, a extensão das variações das relações de (b) com (a) e com (c)? Examinar Mosca em busca de indicações, e desenvolver isto considerando-o sistematicamente.)

Este esquema pode me permitir levar em conta de maneira mais ordenada as diferentes elites, que são elites de acordo com as várias dimensões da estratificação. Também, é claro, captar de uma maneira nítida e significativa a distinção paretiana entre elites governantes e não-governantes, de uma maneira menos formal que Pareto. Certamente

muitas pessoas do status mais alto estariam pelo menos no segundo. Esse seria o caso dos muito ricos. A Clique ou A Elite se referiria a poder, ou a autoridade, segundo o caso. A elite neste vocabulário significaria sempre a elite do poder. As outras pessoas do estrato superior seriam as classes superiores ou os círculos superiores.

Assim, de certa maneira, talvez, possamos usar isto em conexão com dois problemas principais: a estrutura da elite; e as relações conceituais – mais tarde, talvez, as relações substantivas – entre estratificação e teorias da elite. (Desenvolver isto.)

Do ponto de vista do poder, é mais fácil distinguir aqueles que contam daqueles que governam. Quando tentamos fazer a primeira coisa, escolhemos os níveis mais elevados como uma espécie de agregado frouxo e somos guiados por posição. Mas quando tentamos a segunda, devemos indicar clara e detalhadamente como eles exercem poder e como exatamente se relacionam com as instrumentalidades sociais através das quais o poder é exercido. Lidamos também mais com pessoas que com posições, ou pelo menos temos de levar pessoas em conta.

Ora, o poder nos Estados Unidos envolve mais do que uma elite. Como podemos julgar as posições relativas dessas várias elites? Isso depende do ponto em debate e das decisões tomadas. Uma elite vê outra como constituída por aqueles que contam. Há reconhecimento mútuo entre a elite de que outras elites contam; de uma maneira ou de outra elas são pessoas importantes umas para as outras. Projeto: escolher três ou quatro decisões-chave da última década – lançar a bomba atômica, reduzir ou aumentar a produção de aço, a greve da G.M. de 1945 – e desvendar em detalhe o pessoal envolvido em cada uma delas. Poderia usar “decisões” e tomada de decisões como pretextos para entrevistas quando sair para as [pesquisas] intensivas.

3 Chega um momento no curso do seu trabalho em que você não quer mais saber de outros livros. Tudo que queria deles está registrado em suas notas e resumos; e nas margens dessas notas, bem como, num arquivo separado, estão idéias para estudos empíricos.

Ora, não gosto de fazer trabalho empírico a menos que isso seja inevitável. Quando não se tem uma equipe de assistentes, é muito trabalhoso; quando se emprega uma equipe, esta muitas vezes dá ainda mais trabalho.

Na condição intelectual das ciências sociais hoje, há tanto a fazer em matéria de “estruturação” inicial (deixemos que a palavra represente o tipo de trabalho que estou descrevendo) que muita “pesquisa empírica” está fadada a ser rala e desinteressante. Grande parte dela, de fato, é um exercício formal para estudantes iniciantes, e por vezes uma atividade útil para aqueles que não são capazes de lidar com os problemas substantivos mais difíceis da ciência social. Não há mais virtude na investigação empírica que na leitura. O objetivo da investigação empírica é dirimir discordâncias e dúvidas acerca de fatos, e assim tornar discussões mais frutíferas ao basear todos os lados de maneira mais substantiva. Fatos disciplinam a razão; mas a razão é vanguarda em qualquer campo do saber.

Embora você nunca vá conseguir obter o dinheiro para fazer muitos dos estudos empíricos que planeja, é necessário que continue a planejá-los. Porque depois que você planeja um estudo empírico, mesmo que não o realize por completo, ele o leva a uma nova busca por dados, que muitas vezes resulta uma insuspeitada relevância para seus problemas. Assim como é tolice projetar um estudo de campo se for possível encontrar a resposta numa biblioteca, é tolice pensar que esgotamos os livros antes que os tenhamos traduzido em estudos empíricos apropriados, o que significa, simplesmente, em questões de fato.

Os projetos empíricos necessários para meu tipo de trabalho devem prometer, em primeiro lugar, relevância para o esboço inicial, sobre o qual escrevi acima; eles têm de confirmá-lo em sua forma original ou provocar sua modificação. Ou, para expressar isto de maneira mais pretensiosa, devem ter implicações para construções teóricas. Em segundo lugar, os projetos devem ser eficientes e bem-feitos e, se possível, engenhosos. Quero dizer com isto que

devem prometer produzir uma grande quantidade de material em comparação ao tempo e ao esforço que envolvem.

Mas como isso deve ser feito? A maneira mais econômica de formular um problema é fazê-lo de forma a resolvê-lo tanto quanto possível unicamente por raciocínio. Mediante raciocínio nós tentamos (a) isolar cada questão que de fato resta; (b) fazer essas perguntas de modo que as respostas prometam nos ajudar a resolver mais problemas por meio de mais raciocínio.³

Para considerar problemas desta maneira, você tem de prestar atenção a quatro estágios; mas geralmente é melhor passar por todos os quatro muitas vezes do que ficar preso em qualquer um deles por tempo demais. Os passos são: (1) os elementos e definições que, com base em sua percepção geral do tópico, questão, ou área de interesse, você pensa que terá de levar em conta; (2) as relações lógicas entre essas definições e elementos; a construção desses pequenos modelos preliminares, diga-se de passagem, fornece a melhor oportunidade para o exercício da imaginação sociológica; (3) a eliminação de idéias falsas devido a omissões de elementos necessários, a definições de termos impróprias ou obscuras, ou a ênfase indevida em alguma parte da série e suas extensões lógicas; (4) formulação e reformulação das questões que de fato restam.

O terceiro passo, aliás, é uma parte muito necessária, mas freqüentemente negligenciada de qualquer formulação adequada

³ Talvez eu deva dizer as mesmas coisas numa linguagem mais pretensiosa, a fim de tornar evidente para os que não sabem como tudo isto pode ser importante, a saber:

Situações problemáticas têm de ser formuladas com a devida atenção a suas implicações teóricas e conceituais, e também aos paradigmas apropriados de pesquisa empírica e modelos adequados de verificação. Esses paradigmas e modelos, por sua vez, devem ser construídos de maneira a permitir que mais implicações teóricas e conceituais sejam extraídas de seu emprego. As implicações teóricas e conceituais de implicações conceituais deveriam ser primeiro inteiramente exploradas. Isso requer que o cientista social especifique cada uma dessas implicações e as considere em relação a cada uma das outras, mas também de tal maneira que ela se ajuste ao paradigma de pesquisa empírica e aos modelos de verificação.

de um problema. A consciência popular do problema – o problema como uma questão e como uma dificuldade – deve ser cuidadosamente levada em conta: ela é parte do problema. Formulações eruditas, é claro, devem ser examinadas com especial atenção e/ou esgotadas na reformulação que está sendo feita, ou rejeitadas.

Antes de decidir quanto aos estudos empíricos necessários para o trabalho prestes a se realizar, começo a esboçar um projeto mais amplo dentro do qual vários estudos de pequena escala comecem a surgir. Novamente, seleciono um trecho dos arquivos:

Ainda não estou em condições de estudar os círculos superiores como um todo de uma maneira sistemática e empírica. O que faço então é expor algumas definições e procedimentos que formam uma espécie de projeto ideal para um estudo como esse. Em seguida posso tentar, primeiro, colher materiais existentes que se aproximam desse projeto; segundo, pensar em maneiras convenientes de colher materiais, dados os índices existentes, que o satisfaçam em pontos decisivos; e terceiro, à medida que avanço, tornar mais específicas as pesquisas empíricas completas que seriam afinal necessárias.

Os círculos superiores deveriam, é claro, ser definidos em termos de variáveis específicas. Formalmente – esse é mais ou menos o modo de Pareto – eles são as pessoas que “têm” a maior parte de tudo que está disponível de qualquer valor ou conjunto de valores dado. Tenho portanto de tomar duas decisões: que variáveis devo tomar como critérios, e o que entendo por “a maior parte”? Depois que tiver decidido quanto às minhas variáveis, devo construir os melhores indicadores que puder, se possível indicadores quantificáveis, para distribuir a população em termos deles; somente então posso começar a decidir o que entendo por “a maior parte”. Pois isso deveria, em parte, ser deixado para determinação mediante inspeção empírica das várias distribuições, e suas superposições.

Minhas variáveis-chave deveriam, de início, ser gerais o bastante para me dar alguma amplitude na escolha de indicadores, mas específicas o bastante para incitar a busca por indicadores empíricos. À medida que

prossigo, terei de ir e vir entre concepções e indicadores, guiado pelo desejo de não perder significados pretendidos, sendo porém bastante específico com relação a eles. Aqui estão as quatro variáveis weberianas com que começarei:

I. Classe refere-se a fontes e montantes de renda. Assim, precisarei de distribuições de propriedade e de renda. O material ideal aqui (que é muito escasso, e infelizmente desatualizado) é uma tabulação cruzada de fonte e montante de renda anual. Assim, sabemos que X% da população recebeu durante 1936 Y milhões ou mais, e que Z% de todo esse dinheiro era de bens imóveis, W% de dividendos, Q% de proventos e salários. Ao longo dessa dimensão de classe, posso definir os círculos superiores – os que têm a maior parte – ou como aqueles que recebem certos montantes de renda durante um dado tempo – ou como aqueles que compõem os 2% mais elevados da pirâmide de renda. Examinar registros do Tesouro e listas de grandes contribuintes do imposto de renda. Ver se as tabelas do TNEC⁴ sobre fontes e montante de rendas podem ser atualizadas.

II. Status refere-se aos graus de deferência recebidos. Para isto, não há indicadores simples ou quantificáveis. Os indicadores existentes exigem entrevistas pessoais para sua aplicação, estão limitados até agora a estudos de comunidades locais e, de qualquer maneira, não são bons. Há o problema adicional de que, diferentemente de classe, status envolve relações sociais: há pelo menos alguém para receber e alguém para prestar a deferência.

É fácil confundir publicidade com deferência – ou melhor, ainda não sabemos se o volume de publicidade deveria ou não ser usado como um indicador da posição de status, embora seja o mais facilmente disponível. (Por exemplo: em um ou dois dias sucessivos de meados de março de 1952, as seguintes categorias de pessoas foram nominalmente mencionadas no *New York Times* – ou em páginas selecionadas – desenvolver isto.)

⁴ Temporary National Economic Committee: comitê conjunto do Poder Executivo e do Congresso norte-americanos que funcionou entre 1938 e 1941 para estudar os monopólios e a concentração de poder econômico, bem como fazer recomendações para legislação sobre o assunto. (N.O.)

III. Poder refere-se à realização da vontade de alguém, mesmo que outros resistam. Como status, isso não foi bem indexado. Não creio que possa mantê-lo como uma dimensão única, mas terei de falar (a) de autoridade formal – definida por direitos e poderes de cargos em várias instituições, especialmente militares, políticas e econômicas. E (b) poderes cujo exercício é informalmente reconhecido, mas que não estão formalmente instituídos – líderes de grupos de pressão, propagandistas com amplos meios de comunicação à sua disposição, e assim por diante.

IV. Ocupação refere-se a atividades remuneradas. Aqui, novamente, devo escolher exatamente que característica da ocupação eu deveria considerar. (a) Se eu usar as rendas médias de várias ocupações para ordená-las, estarei evidentemente usando a ocupação como um índice e como a base da classe. De maneira semelhante (b) se usar o status ou o poder tipicamente associados a diferentes ocupações, estarei então usando ocupações como indicadores e bases de poder, habilidade ou talento. Mas essa não é, de forma alguma, uma maneira fácil de classificar as pessoas. A habilidade – não mais que o status – não é algo homogêneo do qual há uma quantidade maior ou menor. Tentativas de tratá-la dessa maneira têm sido usualmente expressas em termos do tempo necessário para a aquisição de várias habilidades, e talvez tenhamos de nos contentar com isso, embora eu espere conseguir pensar em algo melhor.

Estes são os tipos de problema que terei de resolver para definir analítica e empiricamente os círculos superiores, em termos dessas quatro variáveis-chave. Para fins de planejamento, suponhamos que as tenha resolvido de maneira satisfatória e que tenha distribuído a população em termos de cada uma delas. Eu teria então quatro conjuntos de pessoas: aquelas no ponto mais alto em classe, status, poder e habilidade. Suponhamos ademais que distingui os 2% mais elevados de cada distribuição como um círculo superior. De fronto-me então com esta questão passível de resposta empírica: quanta superposição, se é que há alguma, existe entre cada uma dessas quatro distribuições? Uma gama de possibilidades pode ser situada dentro deste simples diagrama: (+ = 2% mais elevados; – = 98% mais baixos).

seguinte em que examinamos todo o dia e investigamos os processos subjetivos envolvidos no comportamento externo que observamos.

(2) Uma análise de fins de semana da classe mais alta, em que as rotinas são atentamente observadas e acompanhadas por entrevistadas investigativas com o indivíduo e outros membros de sua família na segunda-feira seguinte.

Para ambas as tarefas, tenho contatos bastante bons e, é claro, bons contatos, se adequadamente tratados, levam a contatos ainda melhores. [Acréscitado em 1957: isto se revelou uma ilusão.]

(3) Um estudo das verbas de representação e outros privilégios que, juntamente com salários e outros rendimentos, formam o padrão e o estilo de vida dos níveis superiores. A idéia aqui é obter algo concreto sobre “a burocratização do consumo”, a transferência de despesas privadas para contas empresariais.

(4) Atualizar o tipo de informação contido em livros como *America's Sixty Families*, de Lundberg, que diz respeito às declarações do imposto de renda para 1923.

(5) Colher e sistematizar, a partir de registros do Tesouro e outras fontes governamentais, a distribuição de vários tipos de propriedade privada por montantes possuídos.

(6) Um estudo da trajetória de carreira dos presidentes, de todos os ministros e de todos os membros da Suprema Corte. Já tenho isto em cartões IBM desde o período constitucional até o segundo mandato de Truman, mas quero expandir os itens usados e analisar novamente o material.

Há outros – cerca de 35 – “projetos” deste tipo (por exemplo, comparação das quantias gastas nas eleições presidenciais de 1896 e 1952, comparação detalhada de Morgan de 1910 e Kaiser de 1950,⁶ e algo concreto sobre as carreiras de “almirantes e generais”). Mas,

⁶ Provavelmente Mills refere-se a uma comparação entre capitalistas norte-americanos de dois períodos: o banqueiro J.P. Morgan, em 1919, e o industrial Henry J. Kaiser, em 1950. (N.O.)

à medida que avançamos, temos, é claro, de ajustar nossa meta a o que é acessível.

Depois que esses projetos foram anotados, comecei a ler obras históricas sobre grupos de cúpula, tomando notas aleatórias (e não arquivadas) e interpretando a leitura. Você não precisa realmente *estudar* o tópico em que está trabalhando; pois, como disse, depois que o escolhe, ele está em toda parte. Você se torna sensível a seus temas; passa a vê-los e ouvi-los sempre em sua experiência, sobretudo, segundo uma impressão que sempre tenho, em áreas aparentemente não relacionadas. Até os meios de comunicação de massa, especialmente filmes ruins, romances baratos, revistas ilustradas e programas noturnos de rádio, revestem-se de uma nova importância para você.

4 Mas, você pode perguntar, como surgem as idéias? Como a imaginação é estimulada a reunir todas as imagens e fatos, tornar as imagens pertinentes e emprestar sentido aos fatos? Não creio que possa realmente responder a isto; posso apenas falar sobre as condições gerais e algumas técnicas simples que pareceram aumentar minhas chances de produzir alguma coisa.

A imaginação sociológica, quero lhe lembrar, consiste em parte considerável na capacidade de passar de uma perspectiva para outra, e, nesse processo, consolidar uma visão adequada de uma sociedade total e de seus componentes. É essa imaginação, é claro, que distingue o cientista social do mero técnico. Técnicos adequados podem ser instruídos em poucos anos. A imaginação sociológica também pode ser cultivada; por certo ela raramente ocorre sem grande quantidade de trabalho, muitas vezes rotineiro.⁷ Há no entanto uma qualidade inesperada em relação a ela, talvez porque sua essência seja a combinação de idéias que ninguém supunha que fossem combináveis – digamos, uma mistura de

⁷ Ver os excelentes artigos de Hutchinson sobre “insight” e “esforço criativo” em *Study of Interpersonal Relations*, organizado por Patrick Mullanby, Nova York, Nelson, 1949.

idéias da filosofia alemã e da economia britânica. Há um estado de espírito lúdico por trás desse tipo de combinação, bem como um esforço verdadeiramente intenso para compreender o mundo, que em geral falta ao técnico como tal. Talvez ele seja bem treinado demais, de maneira precisa demais. Como só se pode ser *treinado* no que já é sabido, o treinamento por vezes incapacita uma pessoa para aprender novos modos; torna-a rebelde contra o que está fadado a ser de início frouxo e até desleixado. Mas você deve se apegar a essas imagens e noções vagas, se elas forem suas, e deve elaborá-las. Pois é nessas formas que idéias originais quase sempre aparecem pela primeira vez, quando aparecem.

Há maneiras definidas, creio eu, de estimular a imaginação sociológica:

1. No nível mais concreto, o rearranjo do arquivo, como já disse, é uma maneira de estimular a imaginação. Você simplesmente junta pastas até então separadas, misturando seus conteúdos, depois os reorganiza. Tente fazer isso de uma maneira mais ou menos relaxada. A frequência com que e a extensão em que você rearranja os arquivos dependerão, é claro, dos diferentes problemas e de como bem eles estão se desenvolvendo. Mas a mecânica do procedimento é simples assim. Você terá em mente, é claro, os vários problemas em que está trabalhando ativamente, mas tentará também ser passivamente receptivo a conexões imprevistas e não planejadas.

2. Uma atitude lúdica em relação às expressões e palavras com que várias questões são definidas frequentemente libera a imaginação. Procure sinônimos para cada um de seus termos-chave em dicionários, bem como em livros técnicos, para conhecer a plena extensão de suas conotações. Este hábito simples o estimulará a elaborar os termos do problema e, em consequência, a defini-los com menos palavras e mais precisão. Pois somente se conhecer os vários sentidos que poderiam ser dados a termos ou expressões, você poderá selecio-

nar os termos exatos com que quer trabalhar. Mas esse interesse pelas palavras vai ainda mais longe. Em todo trabalho, mas especialmente no exame de formulações teóricas, você tentará prestar rigorosa atenção ao nível de generalidade de cada termo-chave, e muitas vezes considerará útil fracionar uma formulação de alto nível em significados mais concretos. Quando isso é feito, a formulação muitas vezes se divide em dois ou três componentes, todos situados ao longo de diferentes dimensões. Você tentará também subir no nível de generalidade: eliminar os qualificadores específicos e examinar a formulação ou a inferência reformadas de maneira mais abstrata, para ver se pode estendê-las ou elaborá-las. Assim, a partir de cima e a partir de baixo, você tentará investigar, em busca de significado mais claro, cada aspecto e implicação da idéia.

3. Muitas das noções gerais que você encontra, quando reflete sobre elas, serão dispostas em tipos. Uma nova classificação é o início usual de desenvolvimentos frutíferos. A habilidade para criar tipos e depois procurar as condições e seqüências de cada tipo irá, em suma, tornar-se um procedimento automático para você. Em vez de contentar-se com classificações existentes, em particular aquelas de senso comum, você procurará por seus denominadores comuns e por fatores diferenciadores dentro delas e entre elas. Bons tipos requerem que os critérios de classificação sejam explícitos e sistemáticos. Para torná-los assim você precisa desenvolver o hábito da classificação cruzada.⁸

A técnica da classificação cruzada não é, evidentemente, limitada a materiais quantitativos; de fato, é a melhor maneira de imaginar e encontrar *novos* tipos, bem como para criticar e elucidar antigos. Gráficos, tabelas e diagramas de tipo qualitativo não são apenas maneiras de expor o trabalho já feito; são muitas vezes instrumentos genuínos de produção. Eles elucidam as "dimensões" dos tipos, que

⁸ Toda classificação que considera pelo menos dois atributos ao mesmo tempo. (N.O.)

também o ajudam a imaginar e construir. De fato, nos últimos 15 anos, não acredito que tenha escrito mais de uma dúzia de páginas de um rascunho sem um pouco de classificação cruzada – embora, é claro, nem sempre e nem mesmo usualmente exiba esses diagramas. A maioria deles fracassa por completo, caso em que você ainda aprende alguma coisa. Quando eles funcionam, ajudam-no a pensar mais claramente e a escrever mais explicitamente. Eles lhe permitem descobrir a extensão e as relações completas dos próprios termos com que está pensando e dos fatos com que está lidando.

Para um sociólogo ativo, a classificação cruzada é o mesmo que analisar uma frase para um gramático diligente. De muitas maneiras, a classificação cruzada é a própria gramática da imaginação sociológica. Como toda gramática, é preciso controlá-la e não permitir que fuja aos seus propósitos.

4. Muitas vezes você obtém os melhores *insights* ao considerar extensos – pensando no oposto daquilo que o interessa diretamente. Se você pensa sobre desespero, pense também sobre entusiasmo; se estuda os avarentos, estude também os perdulários. A coisa mais difícil no mundo é estudar um único objeto; quando você tenta contrastar objetos, obtém uma melhor compreensão deles e pode então discriminar as dimensões em cujos termos as comparações são feitas. Você descobrirá que mover-se em vaivém entre a atenção a essas dimensões e aos tipos concretos é muito esclarecedor. Essa técnica é também logicamente segura, pois sem uma amostra, afinal, você pode apenas conjecturar sobre frequências estatísticas: o que pode fazer é dar a extensão e os tipos principais de algum fenômeno, e para isso é mais econômico começar construindo “tipos polares”, opostos ao longo de várias dimensões. Isto não significa, é claro, que você não vá se esforçar para adquirir e manter um senso de proporção – procurar alguma chave para frequências de tipos dados. Tentamos continuamente, de fato, combinar essa procura com a busca de indicadores para os quais poderíamos encontrar ou coletar estatísticas.

A idéia é usar uma variedade de pontos de vista: você perguntará a si mesmo, por exemplo, como um cientista político que leu recentemente abordaria isso, e como o faria aquele psicólogo experimental, ou aquele historiador? Tentará pensar em termos de uma variedade de pontos de vista e, desse modo, deixar sua mente se transformar num prisma móvel que capta luz do maior número de ângulos possível. Neste contexto, escrever diálogos é frequentemente muito útil.

Muitas vezes você se verá pensando contra alguma coisa, e ao tentar compreender um novo campo intelectual, uma das primeiras coisas que certamente pode fazer é expor os principais argumentos. Um dos significados de “estar imerso na literatura” é ser capaz de localizar os adversários e os amigos de cada ponto de vista disponível. Aliás, não é bom estar imerso demais na literatura: você pode se afogar nela, como Mortimer Adler. Talvez o importante seja saber quando deve e quando não deve ler.

5. O fato de que na classificação cruzada, para efeito de simplicidade, você trabalha de início em termos de sim-ou-não o estimula a pensar em opostos extremos. Isso em geral é bom, pois a análise qualitativa não pode, evidentemente, lhe fornecer frequências ou magnitudes. Sua técnica e seu objetivo são lhe dar a escala de tipos. Para muitos fins, você não precisa de mais que isso, embora para alguns, é claro, tenha de alcançar uma idéia mais precisa das proporções envolvidas.

A liberação da imaginação pode por vezes ser alcançada mediante a inversão deliberada de seu senso de proporção.⁹ Se alguma coisa parece muito pequena, imagine que é simplesmente enorme, e pergunte a si mesmo: que diferença isso poderia fazer? E vice-versa para fenômenos gigantesco. Que aspecto teriam as

⁹ Parte disto, aliás, é o que Kenneth Burk, ao discutir Nietzsche, chamou de “perspectiva pela incongruência”. Não deixe de ver Burke, *Permanence and Change*, Nova York, New Republic Books, 1936.

aldeias pré-históricas com populações de 30 milhões? Hoje em dia, pelo menos, eu nunca pensaria em realmente contar ou medir coisa alguma antes de ter jogado com cada um de seus elementos, condições e consequências num mundo imaginário em que pudesse controlar a escala de tudo. Provavelmente é isto o que os estatísticos querem dizer, embora nunca parecem fazê-lo, com aquela frasezinha horrível sobre “conhecer o universo antes de fazer a amostragem”.

6. Seja qual for o problema em que está interessado, você descobrirá que é útil obter uma compreensão *comparativa* dos materiais. A procura de casos comparáveis, seja numa civilização e num período histórico ou em vários, lhe dá direcionamentos. Você nunca pensaria em descrever uma instituição nos Estados Unidos no século XX sem tentar ter em mente instituições similares em outros tipos de estruturas e períodos. Isto, mesmo que não faça comparações explícitas. Com o tempo, você passará a orientar sua reflexão historicamente de maneira quase automática. Uma razão para isso é que muitas vezes o que está examinando é limitado em número: para obter uma compreensão comparativa do fenômeno, tem de situá-lo numa moldura histórica. Em outras palavras, a abordagem de tipos contrastantes requer muitas vezes o exame de materiais históricos. Isto por vezes resulta em pontos úteis para uma análise de tendências, ou conduz a uma tipologia de fases. Você usará materiais históricos, portanto, em razão do desejo de uma extensão mais completa, ou de uma extensão mais conveniente de algum fenômeno – com o que me refiro a uma extensão que inclua as variações ao longo de algum conjunto conhecido de dimensões. Algum conhecimento da história mundial é indispensável para o sociólogo; sem ele, por mais que saiba outras coisas, estará sim-plesmente incapacitado.

7. Finalmente, há um ponto que tem mais a ver com o ofício de compor um livro do que com a liberação da imaginação. Mas estas

duas coisas são muitas vezes uma só: o modo como você arranja os materiais para apresentação sempre afeta o conteúdo de seu trabalho. Aprendi a idéia que tenho em mente de um grande editor, Lambert Davis, que, supponho, depois de ver o que fiz com ela, não a queria reconhecer como sua filha. É a distinção entre tema e tópico.

Um tópico é um assunto, como “as carreiras dos executivos de corporações” ou “o poder fortalecido das autoridades militares” ou “o declínio das matriarcas da sociedade”. Em geral, a maior parte do que temos a dizer sobre um tópico pode ser facilmente incluída num capítulo ou numa seção de um capítulo. Mas a ordem em que todos os seus tópicos são arranjados muitas vezes o conduz para a esfera dos temas.

Um tema é uma idéia, em geral de uma tendência notável, uma concepção fundamental, ou uma distinção-chave, como racionalidade e razão, por exemplo. Ao trabalhar na construção de um livro, quando chega a perceber os dois ou três, ou, conforme o caso, os seis ou sete temas, você saberá que está no controle do trabalho. Reconhecerá esses temas porque eles ficarão insistindo em ser introduzidos em todos os tipos de tópicos, e terá talvez a impressão de que são meras repetições. E por vezes é isso que todos eles são! Certamente muitas vezes serão encontrados nas partes mais obscuras e confusas, as mais mal escritas, de seu manuscrito.

O que você deve fazer é ordená-los e formulá-los de uma maneira geral, tão clara e brevemente quanto possa. Depois, muito sistematicamente, deve fazer uma classificação cruzada entre eles e a série completa de seus tópicos. Isto quer dizer que você perguntará, a respeito de cada tópico: como ele é afetado por cada um desses temas? E mais: qual é exatamente o significado, se houver algum, para cada um desses temas de cada um dos tópicos?

Por vezes um tema requer um capítulo ou uma seção para si, talvez ao ser introduzido pela primeira vez ou talvez numa formulação concisa perto do final. Penso que a maioria dos escritores – bem como a maioria dos pensadores sistemáticos – concordaria que, em algum ponto, todos os temas deveriam aparecer juntos,

uns relacionados aos outros. Muitas vezes, embora não sempre, é possível fazer isso no início de um livro. Em geral, em qualquer livro bem construído, deve ser feito perto do fim. E, é claro, do início ao fim, você deveria pelo menos tentar relacionar os temas a cada tópico. É mais fácil escrever sobre isto do que fazer, pois em geral não se trata de algo tão mecânico quanto poderia parecer. Mas às vezes é – pelo menos se os temas forem apropriadamente ordenados e elucidados. Mas, é claro, esse é o problema. Pois o que chamei aqui de temas, no contexto do artesanato literário, é chamado de idéias no contexto do trabalho intelectual.

Por vezes, diga-se de passagem, você pode achar que um livro não tem realmente nenhum tema. É apenas uma série de tópicos, cercados, é claro, por introduções metodológicas à metodologia, e introduções teóricas à teoria. Estas são realmente indispensáveis à escrita de livros por homens sem idéias. Assim como a falta de inteligibilidade.

5 Sei que você concordará que deveria apresentar seu trabalho numa linguagem tão simples e clara quanto seu assunto e seu pensamento sobre ele o permitam. Mas como talvez tenha notado, uma prosa empolada e polissilábica parece prevalecer nas ciências sociais. Suponho que os que a usam acreditam que estão imitando a “ciência física” e não percebem que grande parte *dessa* prosa não é totalmente necessária. De fato, foi dito, e com razão, que há “uma grave crise na capacidade de ler e escrever” – uma crise com que os cientistas sociais estão muito envolvidos.¹⁰ Podemos atribuir essa linguagem peculiar ao fato de que questões, conceitos e métodos

¹⁰ Por Edmund Wilson, amplamente considerado o “melhor crítico no mundo anglofôno”; que escreve: “Quanto à minha experiência com artigos de especialistas em antropologia e sociologia, ela me levou a concluir que a exigência, em minha universidade ideal, de ter os trabalhos em todos os departamentos submetidos a um professor de inglês poderia resultar numa revolução dessas matérias – se de fato a segunda delas chegasse a sobreviver.” *A Piece of My Mind*, Nova York, Farrar, Straus and Cudahy, 1956, p.164.

profundos e sutis estão sendo discutidos? Se não, quais são as razões para o que Malcolm Cowley chama apropriadamente de “sociologuês”?¹¹ Ele é realmente necessário para seu trabalho? Se for, não há nada que você possa fazer a esse respeito; se não for, como pode evitá-lo?

Essa falta de pronta inteligibilidade, eu acredito, em geral tem pouco ou nada a ver com a complexidade do assunto, e absolutamente nada com a profundidade do pensamento. Tem a ver quase inteiramente com certas confusões do escritor acadêmico acerca de seu próprio status.

Hoje, em muitos círculos acadêmicos, qualquer pessoa que tente escrever de uma maneira amplamente inteligível está sujeita a ser condenada como “um mero literato” ou, pior ainda, “um mero jornalista”. Talvez você já tenha aprendido que estas expressões, tão comumente usadas, indicam apenas uma inflexão espúria: superficial, porque legível. O acadêmico nos Estados Unidos está tentando levar uma vida intelectual séria num contexto social que muitas vezes parece inteiramente contra ela. Seu prestígio deve compensar muitos dos valores dominantes que sacrificou ao escolher uma carreira acadêmica. O prestígio que reivindicava fica facilmente ligado à sua auto-imagem como “cientista”. Ser chamado de um “mero jornalista” o faz sentir-se indigno e superficial. É essa situação, acredito, que está muitas vezes no fundo do vocabulário rebuscado e da maneira complicada de falar e escrever. É menos difícil aprender essa maneira que não o fazer. Ela se tornou uma convenção – os que não a usam estão sujeitos a desaprovação moral. Pode ser que ela seja o resultado de um cerramento de fileiras acadêmico por parte dos mediocres, que, compreensivelmente, querem excluir aqueles que conquistam a atenção de pessoas inteligentes, acadêmicas ou não.

¹¹ Malcolm Cowley, “Sociological Habit Patterns in Linguistic Transmogrification”, *The Reporter*, 20 de set 1956, p.41s.

Escrever é reivindicar a atenção de leitores. Isso é parte de *qualquer* estilo. Escrever é também reivindicar para si status suficiente pelo menos para ser lido. O jovem acadêmico está muito envolvido em ambas as reivindicações, e como sente que lhe falta posição pública, muitas vezes põe a reivindicação de seu próprio status na frente da reivindicação da atenção do leitor para o que está dizendo. De fato, nos Estados Unidos, mesmo os mais bem-sucedidos homens de saber não têm muito status em meio a círculos e públicos amplos. Neste aspecto, a sociologia foi um caso extremo: em grande parte os hábitos sociológicos de estilo originam-se de uma época em que os sociólogos tinham pouco status mesmo junto a outros acadêmicos. Desejo de status é uma razão pela qual acadêmicos escorregam tão facilmente na ininteligibilidade. E esta, por sua vez, é uma das razões por que não têm o status que desejam. Um círculo realmente vicioso – mas que qualquer intelectual pode romper facilmente.

Para superar a *prosa* acadêmica, temos de superar a *pose* acadêmica. É muito menos importante estudar gramática e radicais anglo-saxões do que elucidar suas próprias respostas a estas três perguntas: 1. Quão difícil e complexo é afinal de contas o meu assunto? 2. Quando escrevo, que status estou reivindicando para mim? 3. Para quem estou tentando escrever?

1. A resposta usual para a primeira pergunta é: não tão difícil e complexo quanto a maneira em que você está escrevendo sobre ele. A prova disso está por toda parte: é revelada pela facilidade com que 95% dos livros de ciência social podem ser traduzidos para o inglês.¹²

¹² Para alguns exemplos desse tipo de tradução ver o Capítulo 2 [de *The Sociological Imagination*, Nova York, Oxford University Press, 1959]. Diga-se de passagem que o melhor livro que conheço sobre escrita é de Robert Graves e Alan Hodge, *The Reader Over Your Shoulder*, Nova York, Macmillan, 1994. Ver também as excelentes discussões de Barzun e Graff, *The Modern Researcher*, op. cit., G.E. Montague, *A Writer's Notes on His Trade*, Londres, Pelican Books, 1930-49, e Bonamy Dobrée, *Modern Prose Style*, Oxford, The Clarendon Press, 1934-50.

Mas, você pode perguntar, não precisamos por vezes de termos técnicos?¹³ Claro que sim, mas “técnico” não significa necessariamente difícil, e certamente não significa jargão. Se esses termos técnicos forem realmente necessários, e também claros e precisos, não é difícil usá-los num contexto de inglês simples e assim introduzi-los de maneira significativa para o leitor.

Você pode objetar que as palavras ordinárias do uso comum estão muitas vezes “carregadas” de sentimentos e valores e que por isso talvez seja melhor evitá-las em favor de novas palavras ou termos técnicos. Aqui está a minha resposta: é verdade que as palavras comuns estão diversas vezes muito carregadas. Mas vários termos técnicos de uso corrente na ciência social estão igualmente carregados. Escrever claramente é controlar essas cargas, dizer exatamente o que queremos de tal modo que esse significado e apenas ele seja compreendido por outros. Suponha que o sentido que você quer transmitir está circunscrito por um círculo de dois metros, no qual você mesmo se coloca; suponha que o sentido compreendido por seu leitor é um outro círculo igual, no qual ele se coloca. O que esperamos é que os círculos se superponham. A extensão dessa superposição é a extensão de sua comunicação. No círculo do leitor, a parte que não se superpõe é uma área de sentido não controlado: ele lhe deu o sentido que quis. Em seu círculo, a parte que não se superpõe é mais um indício de seu fracasso: você não conseguiu transmiti-la. A habilidade de escrever está em fazer o círculo de sentido do leitor coincidir exatamente com o seu,

¹³ Aqueles que entendem de linguagem matemática bem mais que eu dizem que ela é precisa, econômica, clara. E por isso que suspeito tanto de cientistas sociais que invocam o lugar central da matemática entre os métodos do estudo social mas que escrevem prosa de modo impreciso, antieconômico e obscuro. Devem tomar lições com Paul Lazarsfeld, que acredita em matemática, muito de fato, e cuja prosa sempre revela, mesmo nos primeiros rascunhos, as qualidades matemáticas supracitadas. Quando não consigo entender sua matemática, sei que é porque sou muito ignorante; quando não concordo com o que fala em linguagem não-matemática, sei que é porque está errado, porque sempre se sabe o que ele está falando e, portanto, exatamente onde se enganou.

escrever de tal maneira que ambos se coloquem no mesmo círculo de sentido controlado.

O que quero dizer em primeiro lugar, portanto, é que a maior parte do “sociologuês” não tem nenhuma relação com qualquer complexidade de assunto ou pensamento. É usado – penso que quase inteiramente – para fazer reivindicações acadêmicas para si mesmo; escrever dessa maneira é dizer ao leitor (muitas vezes, estou certo, sem o saber): “Sei alguma coisa que é tão complexa que você só poderá compreendê-la se aprender primeiro minha linguagem. Nesse meio-tempo você é meramente um jornalista, um leigo, ou alguma outra espécie de tipo subdesenvolvido.”

2. Para responder à segunda pergunta, devemos distinguir duas maneiras de apresentar o trabalho da ciência social segundo a idéia que o escritor tem de si mesmo e a voz com que ele fala. Uma maneira resulta da idéia de que ele é um homem que pode gritar, sussurrar ou dar risadinhas – mas que está sempre lá. Está claro também que tipo de homem ele é: confiante ou neurótico, direto ou complicado, ele é um centro de experiência e argumentação; agora ele descobriu alguma coisa, e está nos contando sobre ela, e sobre como a descobriu. Esta é a voz atrás das melhores exposições disponíveis na língua inglesa.

A outra maneira de apresentar um trabalho não usa nenhuma voz de nenhum homem. Essa escrita não é uma “voz” em absoluto. É um som autônomo. É uma prosa manufaturada por uma máquina. O mais notável não é que seja cheia de jargão, é que seja fortemente afetada: não é somente impessoal; é pretensiosamente impessoal. Boletins governamentais são por vezes escritos dessa maneira. Cartas comerciais também. É uma boa parte da ciência social. Toda escrita – exceto talvez a de certos estilistas verdadeiramente notáveis – que não seja imaginável como fala humana é má escrita.

3. Mas finalmente há a questão daqueles que devem ouvir a voz – pensar sobre isso também leva a características de estilo. É muito

importante para todo escritor ter em mente o tipo exato de pessoas para quem está tentando falar – e também o que ele realmente pensa delas. Estas não são questões fáceis: respondê-las bem requer decisões sobre si mesmo, bem como conhecimento do público leitor. Escrever é reivindicar ser lido, mas por quem?

Uma resposta foi sugerida por meu colega Lionel Trilling, que me deu permissão para passá-la adiante. Você deve supor que foi convidado para dar uma palestra sobre algum assunto que conhece bem, perante uma audiência de professores e alunos de todos os departamentos de uma importante universidade, bem como para uma variedade de pessoas interessadas de uma cidade próxima. Suponha que tem essa audiência diante de si e que ela tem o direito de ser informada; suponha que quer informá-la. Agora escreva.

Há cerca de quatro possibilidades amplas disponíveis para o cientista social como escritor. Caso ele se reconheça como uma voz e suponha que está falando para um público como o que indiquei, tentará escrever uma prosa legível. Caso admita que é uma voz, mas não esteja plenamente consciente de nenhum público, pode facilmente cair em disparates ininteligíveis. Tal homem deveria tomar cuidado. Caso se considere menos uma voz que o agente de algum som impessoal, então, caso encontre um público, este será mais provavelmente um culto. Se, sem conhecer sua própria voz, não encontrar nenhum público, falando apenas para algum registro que ninguém mantém, acho que temos de admitir que ele é um verdadeiro fabricante da prosa padronizada: um som anônimo num grande salão vazio. Tudo isso é bastante apavorante, como num romance de Kafka, e deve ser: estivemos falando sobre o limite da razão.

A linha que separa a profundidade e a verborragia é muitas vezes tênue, até perigosa. Ninguém deveria negar o curioso encanto daqueles que – como no pequeno poema de Whitman –, ao começar seus estudos, ficam tão satisfeitos e impressionados com o primeiro passo que mal desejam ir mais longe. Por si mesma, a linguagem forma um mundo maravilhoso, mas, enredados nesse mundo, não devemos tomar a confusão de começos com a pro-

fundidade de resultados acabados. Como membro da comunidade acadêmica, você deveria pensar em si mesmo como representante de uma linguagem verdadeiramente notável, e deveria esperar e exigir de si mesmo, ao falar ou escrever, a tentativa de levar adiante o discurso do homem civilizado.

Há um último ponto, que tem a ver com a ação recíproca de escrita e pensamento. Se você escreve unicamente com referência ao que Hans Reichenbach chamou de o “contexto da descoberta”, será compreendido por poucas pessoas; além disso, tenderá a ser muito subjetivo em suas formulações. Para tornar qualquer coisa que pensa mais objetiva, você tem de trabalhar no contexto da apresentação. A princípio, “apresente” seu pensamento para si mesmo, o que é muitas vezes chamado de “pensar claramente”. Depois, quando sentir que o fez corretamente, apresente-o para outros – e muitas vezes descubra que não o tornou claro. Agora você está no “contexto da apresentação”. Algumas vezes perceberá que, ao tentar apresentar seu pensamento, você o modifica – não somente em sua forma de expressão, mas muitas vezes também em seu conteúdo. Você terá novas idéias à medida que trabalha no contexto da apresentação. Em suma, ele se tornará um novo contexto da descoberta, diferente do original, num nível mais elevado, acreditado, porque mais socialmente objetivo. Aqui, outra vez, você não pode divorciar o que pensa de como escreve. Tem de se mover para trás e para a frente entre esses dois contextos, e sempre que se move convém que saiba para aonde pode estar indo.

6 A partir do que eu disse você compreenderá que, na prática, nunca “começa a trabalhar num projeto”; já está “trabalhando”, quer num caráter pessoal, nos arquivos, tomando notas após folhear livros, quer em esforços dirigidos. Adotando esta maneira de viver e trabalhar, você terá sempre muitos tópicos que deseja desenvolver. Depois que decidir quanto a algum deles, tentará usar todo o seu arquivo, suas leituras esparsas em bibliotecas, sua conversa, suas

escolhas de pessoas – tudo para esse tópico ou tema. Você está tentando construir um pequeno mundo que contenha todos os elementos-chave que integram o trabalho a ser feito, pôr cada um em seu lugar de uma maneira sistemática, reajustando continuamente essa estrutura em torno de desenvolvimentos em cada parte dele. Viver num mundo assim construído é simplesmente saber o que é necessário: idéias, fatos, idéias, números, idéias.

Assim você descobrirá e descreverá, construindo tipos para a ordenação do que descobriu, focalizando e organizando experiência mediante a distinção de itens por nome. Essa busca de ordem o levará a procurar padrões e tendências, a encontrar relações que podem ser típicas e causais. Você buscará, em suma, os significados do que encontrou, para o que pode ser interpretado como um sinal visível de alguma outra coisa não visível. Você fará um inventário de tudo que parece envolvido no que quer que esteja tentando compreender; você o reduzirá aos elementos essenciais; depois, de maneira cuidadosa e sistemática, relacionará esses itens entre si de modo a formar uma espécie de modelo operacional. Depois relacionará esse modelo ao que quer que esteja tentando explicar. Por vezes é muito fácil; muitas vezes é simplesmente impossível.

Mas sempre, entre todos os detalhes, você estará procurando indicadores que poderiam apontar para a direção principal, chamando atenção para as formas e tendências subjacentes da extensão da sociedade contemporânea. Pois, no fim das contas, é sobre isso – a variedade humana – que você está sempre escrevendo.

O pensamento é uma luta por ordem e ao mesmo tempo por compreensibilidade. Você não deve parar de pensar cedo demais – ou deixará de conhecer tudo o que deveria; não deve deixar que isso prossiga para sempre, ou você mesmo explodirá. É esse dilema, suponho, que faz da reflexão, naquelas raras ocasiões em que é mais ou menos bem-sucedida, o mais apaixonante empreendimento de que o ser humano é capaz.

Talvez eu possa resumir melhor o que estive tentando dizer na forma de alguns preceitos e advertências:

1. Seja um bom artesão: evite todo conjunto rígido de procedimentos. Acima de tudo, procure desenvolver e usar a imaginação sociológica. Evite o fetichismo de método e técnica. Estimule a reabilitação do artesanato intelectual despretenso, e tente se tornar você mesmo tal artesão. Deixe que cada homem seja seu próprio metodologista; deixe que cada homem seja seu próprio teorizador; deixe que teoria e método se tornem parte da prática de um ofício. Tome o partido do primado do estudioso individual; tome partido contra a ascendência de equipes de pesquisa formadas por técnicos. Seja uma mente independente na confrontação dos problemas do homem e da sociedade.

2. Evite a estranheza bizantina de conceitos associados e desassociados, o maneirismo da verborragia. Encoraje em si mesmo e nos outros a simplicidade da formulação clara. Use termos mais elaborados apenas quando acreditar firmemente que seu uso amplia o escopo de suas sensibilidades, a precisão de suas referências, a profundidade de seu raciocínio. Evite usar a ininteligibilidade como um meio de escapar à emissão de julgamentos sobre a sociedade — e como um meio de escapar aos julgamentos dos leitores sobre seu próprio trabalho.

3. Faça todas as construções trans-históricas que achar que seu trabalho requer; investigue também minúcias sub-históricas. Elabore teorias inteiramente formais e construa modelos tão bem quanto puder. Examine em detalhe pequenos fatos e suas relações, e eventos grandes e singulares também. Mas não seja fanático: relacione todo esse trabalho, contínua e estreitamente, ao nível da realidade histórica. Não suponha que mais alguém fará isso por você, em algum momento, em algum lugar. Considere tarefa sua a definição dessa realidade; formule seu problema nos termos dela; no nível dela, tente resolver esses problemas e assim resolver as questões e dificuldades que eles incorporam. E nunca escreva mais de três páginas sem ter em mente pelo menos um exemplo concreto.

4. Não estude meramente um pequeno ambiente após outro; estude as estruturas sociais em que os ambientes estão organizados. Em termos desses estudos de estruturas mais amplas, selecione os contextos que precisa estudar em detalhe, e estude-os de maneira a compreender a ação recíproca de contextos com estrutura. Proceda de maneira semelhante no que diz respeito ao intervalo de tempo. Não seja meramente um jornalista, ainda que seja tão preciso quanto. Saiba que o jornalismo pode ser um grande empreendimento intelectual, mas saiba também que o seu é maior! Não relate meramente pesquisas minuciosas em momentos estáticos bem definidos, ou períodos de tempo muito curtos. Tome como seu intervalo de tempo o curso da história humana, e situe nela as semanas, anos, épocas que você examina.

5. Perceba que seu objetivo é uma compreensão comparativa completa das estruturas sociais que apareceram e que existem agora na história do mundo. Perceba que para cumprilo você deve evitar a especialização arbitrária dos departamentos acadêmicos hoje existentes. Especialize seu trabalho de maneira variada, segundo o tópico, e, acima de tudo, segundo problemas significativos. Ao formular e tentar resolver esses problemas, não hesite em, e de fato busque, fazer uso de maneira contínua e imaginativa das perspectivas e materiais, das idéias e métodos, de todo e qualquer estudo sensato do homem e da sociedade. Eles são seus estudos; são parte daquilo de que você é parte; não deixe que lhe sejam tomados por aqueles que os bloqueariam com um jargão esquisito e pretensões a *conhecimento especializado*.

6. Mantenha os olhos sempre abertos para a imagem do homem — a noção genérica de sua natureza humana — que você está presumindo e sugerindo com seu trabalho; e também para a imagem da história — sua noção de como a história está sendo feita. Numa palavra, elabore e reveja continuamente suas idéias sobre os problemas de história, os problemas de biografia e os problemas de estrutura social em que biografia e história se cruzam. Mantenha

os olhos abertos para as variedades da individualidade e para os modos de mudança histórica. Use o que vê e o que imagina como pistas para seu estudo da variedade humana.

7. Saiba que você herda e está levando adiante a tradição da análise social clássica; portanto, tente compreender o homem não como um fragmento isolado, não como um campo ou sistema inteligível em si e por si mesmo. Tente compreender homens e mulheres como atores históricos e sociais, e os modos como a variedade de homens e mulheres são intrincadamente selecionados e formados pela variedade das sociedades humanas. Antes de terminar qualquer trabalho, não importa quão indiretamente por vezes, oriente-o para a tarefa central e contínua de compreender a estrutura e a direção, a formação e os significados, de seu próprio período, o terrível e magnífico mundo da sociedade humana contemporânea.

8. Não permita que questões públicas tal como oficialmente formuladas, ou dificuldades tal como privadamente sentidas, determinem os problemas que você tomará para estudar. Acima de tudo, não abdique de sua autonomia moral e política aceitando nos termos de alguma outra pessoa a inutilidade limitadora do ethos burocrático ou a inutilidade tolerante da dispersão moral. Saiba que muitas dificuldades pessoais não podem ser resolvidas meramente como dificuldades, devendo ser compreendidas como questões públicas – e em termos dos problemas da feita da história. Saiba que se deve revelar o significado humano de questões públicas relacionando-as com dificuldades pessoais – e com os problemas da vida individual. Saiba que os problemas da ciência social, quando adequadamente formulados, devem incluir tanto dificuldades quanto questões, tanto biografia quanto história e o âmbito de suas relações intrincadas. Dentro desse âmbito ocorre a vida do indivíduo e a feita de sociedades; e dentro desse âmbito a imaginação sociológica tem sua chance de fazer uma diferença na qualidade da vida humana em nosso tempo.